



**APRESENTAÇÃO**  
**ARTIGOS LIVRES**

Os lançamentos dos sucessivos números da Revista Trilhas da História são sempre motivo de júbilo, pois expressam a culminância do trabalho árduo e coletivo de pessoas engajadas com a divulgação do conhecimento histórico ao mesmo tempo que demonstram a potência, sempre renovada, de debates que, ao serem reunidos em uma edição que prima pela coerência e qualidade científica, reafirmam os compromissos da academia e da ciência com a sociedade. O presente número não é diferente, com o dossiê “Ditaduras: revisitando o caso brasileiro”, já apresentado pelos organizadores, e com os artigos livres, ensaio e resenha que apresentaremos aqui, nossa Revista traz um conjunto de discussões que lança luz à riqueza das abordagens operadas por historiadores e historiadoras nas trilhas de uma história crítica e socialmente referenciada.

O primeiro artigo livre, *Conflitos Internos no Paraguai Pós-Guerra (1870-1904): Enumeração, contexto e impacto*, de Mário Lemos Flores do Prado, retoma o tema do dossiê anterior, ao abordar aspectos da história social do Paraguai, com o uso de farta bibliografia e fontes. No texto, o autor nos apresenta os contextos do Paraguai pós-guerra, suas conturbações econômicas, sociais e políticas, com ênfase às revoltas e golpes ocorridos num intervalo de três décadas a partir das revoltas de 1873 para, na sequência, arrolar algumas rebeliões do período regencial brasileiro e estabelecer correlações históricas. Ao compará-las, vislumbrando os processos de centralização nacional dos países pelas suas instabilidades sociais e políticas, distingue o caráter mais “regional” dos movimentos no Brasil e destaca as revoltas e golpes paraguaios como mais focados aos centros do poder nacional.

No artigo *Na Província, Ler e (Re)inventar o Mundo: Uma interpretação da formulação do culturalismo em Tobias Barreto (1859-1889)*, Aruanã Antonio dos Passos e Willian Roberto Vicentini analisam as trajetórias da formulação intelectual de Tobias Barreto, filósofo e jurista da “Escola de Recife”, em face de suas visões críticas ao positivismo francês, muito instrumentalizado na constituição intelectual da nossa formulação nacional. Os autores entregam mais do que prometem, pois o artigo nos permite um panorama bem espreado da circulação e apropriação de ideias na segunda metade do XIX, com a dimensão da complexidade que é própria das dinâmicas históricas colocadas naquele período pelos grupos brasileiros, pós-guerra do Paraguai. Sobre o intelectual estudado, os autores apreendem o olhar evolucionista e a crença na ciência e no direito como pressupostos desejados à emergente nação, além de uma noção de cultura bastante alinhada aos ideários literário, político, filosófico e científico germânicos, de uma Alemanha recém unificada.

O terceiro e último artigo livre, intitulado *O Integralismo e as Eleições no Paraná*

na década de 1930, de Rafael Athaídes, tem como foco a participação da Ação Integralista Brasileira (AIB) no Paraná dos anos 1930 e nos conta como os agentes do fascismo brasileiro, os integralistas, embora desdenhassem das eleições e do jogo democrático, construíram essa participação na Constituinte de 1934 e nas eleições do ano seguinte, aumentando expressivamente suas presenças nas cadeiras ocupadas por vereadores, por exemplo, desde a iniciativa inicial. O autor é generoso com os leitores e leitoras quando, além de apresentar e analisar os dados de sua pesquisa, debate a questão da escassez das fontes acerca da incursão integralista ao campo eleitoral, mas traz elementos inéditos que nos instigam e nos impelem a cotejar os discursos fascistas como expressões de um passado que não passa e que, portanto, precisa ser sempre mais pesquisado, criticado, conhecido e debatido por todos(as) nós.

Na seção de Ensaios de Graduação, um espaço importante de nossa Revista porque incentiva e valoriza graduandos e graduandas no exercício da publicação acadêmica, o texto de Victor Hugo de Almeida França, intitulado Pobres e Livres e a Guerra dos Marimbondos em Pernambuco e arredores: Entre leis, decretos e resistências (1848-1854), aborda Pernambuco nos conflituosos contextos de meados do século XIX. O autor aponta perspectivas da Guerra dos Marimbondos e elege os “sujeitos desclassificados” do processo de consolidação do Estado Imperial, trazendo luz ao conceito de desclassificados, via análise bibliográfica, e de processos que incidem sobre a acumulação primitiva de poder e capital no Império, com um olhar crítico e atento sobre as leis e a privatização das terras. Longe de ser um debate simples, o autor transita entre teorias e referenciais caros à história social, mobilizando não só o cabedal historiográfico nacional para analisar a disciplinarização dos grupos e dos corpos pelas “alianças do atraso” (em alusão a Martins), mas também o contrateatro de Marimbondos (em alusão a Thompson), nas franjas da imposição ofensiva da lógica privatista do campo. No artigo, o uso das fontes como relatos de província permite acompanhar o raciocínio sagaz do autor que evidencia contradições entre os interesses das elites, para os quais o Estado tende a se mover, e as estruturas concretas em que aquela história se desenvolve, seja na repressão, seja na resistência.

Por fim, esta edição hospeda a Resenha intitulada A Construção de um Mundo onde Caibam muitos Mundos: A experiência zapatista, de Iago Oliveira Porfirio da Silva, referente ao livro de Jérôme Baschet, A Experiência Zapatista: Rebeldia, resistência e autonomia, traduzido por Domingos Nunes e publicado pela N-1 Edições em 2021. A resenha dialoga com outras obras e autores de peso, como a recente publicação de Galeano, Subcomandante Insurgente (antes Marcos), intitulada Contra a Hidra Capitalista, e também publicada pela N-1 Edições em 2021, e Pierre Clastres, em A Sociedade contra o Estado

[2020 (1974)], entre outras. Iago da Silva, mobilizando conceitos como de antropoceno, produz a apresentação criteriosa da obra de Baschet, nos permite reconhecer a história e a potência zapatista como movimento indígena planetário, e entrever a consolidação de uma epistemologia das resistências. Ao destacar as contradições do capitalismo neoliberal e visando percorrer as trilhas da construção de um mundo onde caibam outros mundos, a resenha nos instiga a visitar esta obra preche de pistas de que esta construção perpassa os saberes e práticas camponeses, como a agroecologia, e a reestruturação das relações sociais, políticas, de gênero. Não à toa, é um texto preche de força, de esperança e de devir. É preciso, finalmente, abandonar a ideia de que os povos indígenas produzem legados – do passado – e abrir-se para as noções de como as lutas indígenas são históricas (e de longa duração), mas apontam futuros, como também afirma Krenak.

Com esta abundância de temas e abordagens, os textos dessa edição são, por si só, um convite ao deleite da leitura e à crítica da ciência. Esperamos que gostem.